

Às dez horas e meia da noite daquele dia, três vultos convergiram para o local, raro frequentado, em que se abria a porta do quintal de Tadeu de Albuquerque. Ali se detiveram alguns minutos discutindo e gesticulando. Dos três vultos havia um, cujas palavras eram ouvidas em silêncio e sem réplica pelos outros. Dizia ele a um dos dois:

– Não convém que estejas perto desta porta. Se o homem apare-cesse aqui morto, as suspeitas caíam logo sobre mim ou meu tio. Afastem-se vocês um do outro, e tenham o ouvido aplicado ao tropel do cavalo. Depois apressem o passo até o encontrarem, de modo que os tiros sejam dados longe daqui.

– Mas... – atalhou um – quem nos diz que ele veio ontem a cavalo, e hoje vem a pé?

– É verdade! – acrescentou o outro.

– Se ele vier a pé, eu lhes darei aviso para o seguirem depois até o terem a jeito de tiro, mas longe daqui, percebem vocês? – disse Baltasar Coutinho.

– Sim, senhor; mas se ele sai de casa do pai, e entra sem nos dar tempo?

– Tenho a certeza de que não está em casa do pai, já lho disse. Basta de palavreado. Vão esconder-se atrás da igreja, e não adormeçam.

Debandou o grupo, e Baltasar ficou alguns momentos encostado ao muro. Soaram os três quartos depois das dez. O de Castro Daire colocou o ouvido à porta, e retirou-se aceleradamente, ouvindo o rumor da folhagem seca que Teresa vinha pisando.

Apenas Baltasar, cosido com o muro, desaparecera, um vulto assomou do outro lado a passo rápido. Não parou: foi direito a todos os pontos onde uma sombra podia figurar um homem. Rodeou a igreja que estava a duzentos passos de distância. Viu os dois vultos direitos com o recanto que formava a junção da capela-mor, e sobre o qual caíam as sombras da torre. Fitou-os de passagem, e suspeitou; não os conheceu, mas eles disseram entre si, depois que ele desaparecera:

– É o João da Cruz, ferrador, ou o diabo por ele!...

– Que fará a esta hora por aqui?!

– Eu sei!

– Não desconfias que ele entre nisto?

– Agora! Se entrasse, era por nós. Não sabes que ele foi mochila do nosso amo?

– E também sei que pôs a loja com dinheiro do Sr. Baltasar.

– Pois então que medo tens?

– Não há medo; mas também sei que foi o corregedor que o livrou da força...

– Isso que tem! O corregedor não se importa com isto, nem sabe que o filho cá está...

– Assim será; mas não estou muito contente... Ele é homem dos diabos...

– Deixá-lo ser... tanto entram as balas nele como noutra...

A discussão continuou sobre várias conjecturas. De tudo o que eles disseram uma coisa era certíssima: ser o vulto o João da Cruz, ferrador. Teria ele dado trezentos passos, quando os criados de Baltasar ouviram o remoto tropel da cavalgadura. Ao tempo que eles saíam do seu esconderijo, saía João da Cruz à frente do cavaleiro. Simão aperrou as pistolas, e o arrieiro uma clavina. – Não há novidade – disse o

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

ferrador –, mas saiba vossa senhoria que já podia estar em baixo do cavalo com quatro zagalotes no peito.

O arrieiro reconheceu o cunhado, e disse:

– És tu, João?

– Sou eu. Vim primeiro que tu.

Simão estendeu a mão ao ferrador, e disse comovido:

– Dê cá a sua mão; quero sentir na minha a mão de um homem honrado.

– Nas ocasiões é que se conhecem os homens – redarguiu o ferrador.

– Ora vamos... não há tempo para falatório. O senhor doutor tem uma espera.

– Tenho? – disse Simão.

– Atrás da igreja estão dois homens que eu não pude conhecer; mas não se me dava de jurar que são criados do Sr. Baltasar. Salte abaixo do cavalo, que há-de haver mostarda. Eu disse-lhe que não viesse; mas vossa senhoria veio, e agora é andar com a cara para a frente.

– Olhe que eu não tremo, mestre João – disse o filho do corregedor.

– Bem sei que não; mas, à vista do inimigo, veremos.

Simão tinha apeado. O ferrador tomou as rédeas do cavalo, recuou alguns passos na rua, e foi prendê-lo à argola da parede de uma estalagem.

Voltou, e disse a Simão que o seguisse a ele e ao cunhado na distância de vinte passos; e que, se os visse parar perto do quintal de Albuquerque, não passasse do ponto donde os visse.

Quis o académico protestar contra um plano que o humilhava como protegido pela defesa dos dois homens; o ferrador, porém, não admitiu a réplica.

– Faça o que eu lhe digo, fidalgo – disse ele com energia.

João da Cruz e o cunhado, espiando todas as esquinas, chegaram defronte do quintal de Teresa, e viram um vulto a sumir-se no ângulo da parede.

– Vamos sobre eles – disse o ferrador – que lá passaram para o adro da igreja; nestes entretimentos, o doutor chega à porta do quintal e entra; depois voltaremos para lhe guardar a saída.

Neste propósito, moveram-se apressados, e Simão Botelho caminhou com as pistolas aperradas na direcção da porta.

Em frente do muro do jardim de Teresa havia uma cascalheira escarpada, que se esplainava depois numa alameda sombria.

Os dois criados de Baltasar, quando o tropel do cavalo parou, recordaram as ordens do amo, no caso de vir a pé Simão. Buscaram sítio azado para o espreitarem na saída, e entraram na alameda quando o académico chegava à porta do quintal.

– Agora está seguro – disse um.

– Se lá não ficar dentro... – respondeu o outro, vendo-o entrar, e fechar-se a porta.

– Mas além vêm dois homens... – disse o mais assustado, olhando para a outra entrada da alameda.

– E vêm direitos a nós... Aperra lá a clavina...

– O melhor é retirarmos. Nós estamos à espera do outro, e não destes. Vamos embora daqui...

Este não esperou convencer o companheiro: desceu a ribanceira do cascalho. O mais intrépido teve também a prudência de todos os assassinos assalariados: seguiu o assustadiço, e deu-lhe razão, quando ouviu após de si os passos velozes dos perseguidores. Saiu-- lhes o amo de frente, quando dobravam a esquina do quintal, e disse-lhes:

– Vocês a que fogem, seu poltrões?

Os homens pararam de envergonhados, aperrando os bacamartes.

João da Cruz e o arrieiro apareceram, e Baltasar caminhou para eles, bradando:

– Alto aí!

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

O ferrador disse ao cunhado:

– Fala-lhe tu, que eu não quero que ele me conheça.

– Quem manda fazer alto? – disse o arrieiro.

– São três clavinas – respondeu Baltasar.

– Olha se os demoras a dar tempo que o doutor saia – disse João da Cruz ao ouvido do arrieiro.

– Pois nós cá estamos parados – replicou o criado de Simão. – Que nos querem vocês?

– Quero saber o que têm que fazer neste sítio.

– E vocês que fazem por cá?

– Não admito perguntas – disse o de Castro Daire, aventurando alguns passos vacilantes para a frente. – Quero saber quem são. Mestre João disse ao ouvido do cunhado:

– Dize-lhe que se dá mais um passo que o arreventas.

O arrieiro repetiu a cláusula, e Baltasar parou.

Um dos criados deste chamou-o ao lado para lhe dizer que aquele dos dois que não falava parecia ser o João da Cruz. O morgado duvidou, e quis esclarecer-se; mas o ferrador ouvira as palavras do criado, e disse ao cunhado:

– Vem comigo, que eles conhecem-me.

Dizendo, voltou as costas ao grupo, e caminhou ao longo do quintal de Tadeu de Albuquerque. Os criados de Baltasar, gloriosos da retirada, como de uma derrota certa, apressaram o passo na cola dos supostos fugitivos. O morgado ainda lhes disse que os não seguissem; mas eles, momentos antes cobardes, queriam desferrar-se agora, correndo após o inimigo tanto quanto lhe tinham fugido antes.

Simão Botelho ouvira passos ligeiros, e, compelido pelo susto de Teresa, abriu a porta do quintal, sem saber ainda de quem fossem os passos. João da Cruz, com ar galhofeiro, já quando os perseguidores se viam, disse ao filho do corregedor se estava ajustado o casamento, que não havia pano para mangas.

Simão entendeu o perigo, apertou convulsivamente a mão de Teresa, e retirou-se. Queria ele reconhecer os dois vultos parados a distância; mas João da Cruz, com o tom imperioso de quem obriga à submissão, disse ao filho do corregedor:

– Vá por onde veio, e não olhe para trás.

Simão foi indo até encontrar o cavalo. Montou, e esperou os dois inalteráveis guardas que o seguiam a passo vagaroso. Maravilhara- os o súbito desaparecimento dos criados de Baltasar, e recearam- se de alguma espera fora da cidade.

O ferrador conhecia o atalho que podia levar os da emboscada ao caminho, e revelou o seu receio a Simão, dizendo-lhe que picasse a toda a brida, que ele e o cunhado lá iriam ter. O académico recebeu com enfado a advertência, admoestando-os a que o não tivessem em tão vil preço. E acintosamente sofreu as rédeas, para não forçar os homens a aligeirar o passo.

– Vá como quiser – disse mestre João – que nós vamos por fora do caminho.

E subiram a uma rampa de olivais, para tornarem a descer encobertos por moitas de giestas, cosendo-se aos torcicolos duma parede paralela com a estrada.

– O atalho vai acolá onde a serra faz aquele cotovelo – disse o ferrador ao cunhado –, hão-de ali passar, ou já passaram. A estrada vai mesmo na quebrada daquele outeirinho. Os homens é dali que vão atirar, encobertos pelos sobreiros. Vamos depressa...

E um pouco descobertos, e outro curvados à sombra das devesas, chegaram a um valado donde ouviram os passos dos dois homens que atravessavam o pontilhão de um córrego.

– Já não vamos a tempo – disse aflito o João da Cruz –, os homens vão atirar-lhe, porque o cavalo trupa cá muito atrás.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

E corriam já sem temor de serem vistos, porque os outros tinham dobrado o outeiro, em cujo vale corria a estrada.

- Os homens vão atirar-lhe... – disse o ferrador.
- Gritaremos daqui ao doutor que não vá pra diante.
- Já não é tempo... Ou o matem ou não matem, quando voltarem são nossos. Tinham já passado o pontilhão, e subiam a ladeira, quando ouviram dois tiros.
- Arriba! – exclamou João da Cruz – que não vão eles meter-se à estrada, se mataram o fidalgo.

Tinham vencido a chã, esbofados e ansiosos, com as clavinas aperradas. Os criados de Baltasar, ao invés da conjectura do ferrador, retrocediam pelo mesmo atalho, supondo que os companheiros de Simão iam adiante batendo os pontos azados à emboscada, ou se tinham retardado.

- Eles aí vêm! – disse o arrieiro.
- Nós cá estamos – respondeu o ferrador, sentando-se a coberto de um cômodo. – Senta-te também, que eu não estou para correr atrás deles.

Os assassinos, a dez passos, viram de frente erguerem-se os dois vultos, e ladearam cada qual para seu lado, um galgando os socalcos de uma vinha, o outro atirando-se a uns silveirais.

- Atira ao da esquerda! – disse João da Cruz.

Foram simultâneas as explosões. A pontaria do ferrador fez logo um cadáver. Os balotes do arrieiro não estremaram o outro entre o carrascal onde se embrenhara.

A este tempo assomava Simão no teso donde lhe tinham atirado, e corria ao ponto onde ouvira os segundos tiros.

- É vossa senhoria, fidalgo? – bradou o ferrador.
- Sou.
- Não o mataram?
- Creio que não – respondeu Simão.
- Este desalmado deixou fugir o melro – tornou João da Cruz – mas o meu lá está a pernear na vinha. Sempre lhe quero ver as trombas...

O ferrador desceu os três socalcos da vinha, e curvou-se sobre o cadáver, dizendo:

- Alma de cântaro, se eu tivesse duas clavinas, não ias sozinho para o Inferno.
- Anda daí! – disse o arrieiro – deixa lá esse diabo, que o senhor doutor está ferido num ombro. Vamos depressa que está o sangue a escorrer-lhe.
- Eu vi duas cabeças a espreitarem-me de cima da ribanceira, e cuidei que eram vocês – disse Simão, enquanto o ferrador, com a destreza de hábil cirurgião, lhe enfaixava com lenços o braço ferido.

– Parei o cavalo, e disse: «Olé! há novidade?» Logo que me não responderam, saltei para terra; mas ainda eu tinha um pé no estribo quando me fizeram fogo. Quis saltar à ribanceira, mas não pude romper o mato. Dei uma volta grande para achar subida, e foi então que dei fé de estar ferido...

– Isto é uma arranhadura – disse João da Cruz. – Olhe que eu sei disto, fidalgo! Estou afeito a curar muitas feridas.

- Nos burros, mestre João? – disse o ferido, sorrindo.
- E nos cristãos também, senhor doutor. Olhe que houve em Portugal um rei que não queria outro médico senão um alveitar. Hei-de mostrar-lhe o meu corpo que está uma rede de facadas, e nunca fui ao cirurgião. Com ceroto e vinagre sou capaz de ir ressuscitar aquele alma do diabo que ali está a escutar a cavalaria.

Nisto ouviu-se um leve rumor de folhagem no matagal para onde tinha saltado o companheiro do morto.

João da Cruz, como galgo de fino olfacto, fitou a orelha e resmungou:

- Querem vocês ver que elas se armam!... Dar-se-á o caso que o outro ainda esteja por ali a tremer maleitas?!...

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

O rumor continuou, e logo um bando de pássaros rompeu dentre a folhagem chilreando.

– O homem está ali – tornou o ferrador. – Passe-me cá uma pistola, senhor Simão!

Correu mestre João, e ao mesmo tempo uma grande rostillhada se fez entre as moitas de codessos e urzes.

– Ele estrinça lenha como um porco do monte! – exclamou o ferrador

– Ó cunhado, bate este mato com alguns penedos; quero ver sair o javali da moita!...

Para o outro lado da bouça estava um plaino cultivado. Simão, rodeando a sebe, conseguira saltar ao campo por sobre a pedra dum agueiro.

– Tenha lá mão, mestre; não vá você atirar-me! – bradou Simão ao ferrador.

– Pois o fidalgo já aí anda!? Então está fechado o cerco. Eu cá vou fazer de furão. Se este nos escapa, não há nada seguro neste mundo!

Não se enganaram. O criado de Baltasar Coutinho, quando se atirara desamparado à brenha, deslocara um joelho, e caíra ator-doado. O arrieiro não examinou o efeito do tiro, porque atirara à ventura, e achava natural que o fugitivo se não molestasse. Quando voltou a si do aturdimento da queda, o homem arrastou-se até encontrar um cerrado de árvores silvestres, em que pernoitava a passarinhada. Como os melros cacarejassem, esvoaçando, o criado de Baltasar retrocedeu para o mato, cuidando que aí escapa-ria; mas o arrieiro jogava enormes calhaus em todas as direcções, e alguns acertavam mais que as balas do seu bacamarte. João da Cruz tirou do bolso da jaqueta um podão, e começou a cortar a selva de carvalhas novas e giestais que se emaranhavam em redor do esconderijo. Já cansado, porém, e vendo o pouco fruto do trabalho, disse ao arrieiro:

– Petisca lume, vai ali dentro buscar um pouco de restolho seco, e vamos pegar fogo ao mato, que este ladrão há-de morrer assado.

O perseguido, quando tal ouviu, tirou do maior perigo coragem para fugir, rompendo a espessura e saltando a parede da tapada para o campo de restolho em que o arrieiro andava apanhando palha, e Simão esperava o desfecho da montaria. Correram a um tempo o arrieiro e o académico sobre ele. O fugitivo, sentindo-se alcançado, lançou-se de joelhos e mãos erguidas, pedindo perdão, e dizendo que o amo o obrigara àquela desgraça. Já a coronha do bacamarte do arrieiro lhe ia direita ao peito, quando Simão lhe reteve o braço.

– Não se bate assim num homem ajoelhado! – disse o moço – Levanta-te, rapaz!

– Eu não posso, senhor. Tenho uma perna quebrada, e estou aleijado para a minha vida!

Neste comenos, chegou o ferrador, e exclamou:

– Pois esse tratante ainda está vivo!

E correu sobre ele com o podão.

– Não mate o homem, senhor João! – disse o filho do corregedor.

– Que o não mate! Essa é de cabo-de-esquadra! Com que então o fidalgo quer pagar-me com a força o favor de o acompanhar...hem?

– Com a força!? – atalhou Simão.

– Pudera não! Quer que este homem fique para ir contar a história? Acha bonito? Lá vossa senhoria, como é filho de ministro, não terá perigo; mas eu, que sou ferrador, posso contar que desta vez tenho o baraço no pescoço. Não me faz jeito o negócio. Deixe-me cá com o homem...

– Não o mate, senhor João; peço-lhe eu que o deixe ir. Uma testemunha não nos pode fazer mal.

– O quê! – redarguiu o ferrador – Vossa senhoria é doutor, saberá muito, mas de justiça não sabe nada, e há-de perdoar o meu atrevimento. Basta uma só

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

testemunha para guiar a justiça na devassa. Às duas por três, uma testemunha de vista, e quatro de ouvir dizer, com o fidalgo de Castro Daire a mexer os pauzinhos, é força certa, como dois e dois serem quatro.

– Eu não digo nada; não me matem, que eu nem torno a ir para Castro Daire – exclamou o homem.

– Deixe-o ficar, João da Cruz... vamos embora...

– Isso! – acudiu o ferrador – Chame-me João da Cruz!... para este maroto ficar bem certo de que sou o João da Cruz!... Com efeito, não sei o que me parece vossa senhoria querer deixar com vida uma alma do diabo que lhe deu um tiro para o matar.

– Pois sim, tem você razão; mas eu não sei castigar miseráveis que me não resistem.

– E se ele o tivesse matado, castigava-o? Responda a isto, senhor doutor.

– Vamos embora – tornou Simão –, deixemos para aí esse miserável.

Mestre João cismou alguns momentos, coçando a cabeça, e resmungou com descontentamento:

– Vamos lá... Quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre.

Tinham já saído do plaino e saltado a tapada, e iam descendo para a estrada, quando o ferrador exclamou:

– Lá me ficou a minha clavina encostada à sebe. Vão indo, que eu venho já.

O arrieiro conduzia o cavalo, que pacificamente estivera tosando a relva das paredes marginais da estrada, quando Simão ouviu gritos. Conjecturou com certeza o que era.

– O João lá está a fazer justiça! – disse o arrieiro. – Deixá-lo lá, meu amo, que ele é homem que sabe o que faz.

João da Cruz apareceu daí a pouco, limpando com fieitos o podão ensanguentado.

– Você é cruel, Sr. João – disse o académico.

– Não sou cruel – disse o ferrador –, o fidalgo está enganado comigo; é que, diz lá o ditado, morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho. Tanto faz matar um como dois. Quando se está com a mão na massa, tanto faz amassar um alqueire como três. As obras devem ser acabadas, ou então o melhor é não se meter a gente nelas. Agora, levo a minha consciência sossegada. A justiça que prove, se quiser; mas não há-de ser porque lho digam aqueles dois que eu mandei de presente ao Diabo.

Simão teve um instante de horror do homicida, e de arrependimento de se ter ligado com tal homem.